

Invenção euclidiana: a falácia da Canudos milenarista

PEDRO VICTOR MOURA LIMA

RESENHA: VASCONCELLOS, Pedro Lima. **O leite, o cuscuz e o céu:** o Belo Monte de Antônio Conselheiro e a falácia euclidiana. Maceió: Edufal, 2023.

No refrão da canção *Do caos à lama*, o cantor e compositor Chico Science (1966-1997), líder do grupo musical Nação Zumbi, fala de organizar-se para desorganizar e de desorganizar para organizar-se. O jogo de palavras, que apresenta uma construção simultânea, a sugerir uma ação recíproca entre o desenvolvimento humano e a transformação da realidade, bem poderia servir de síntese para trajetória de Antônio Vicente Mendes Maciel, o Antônio Conselheiro, e da comunidade por ele fundada e liderada, o arraial de Canudos. Afinal, foi desorganizando as estruturas de poder vigentes nos sertões nordestinos do final do século XIX que o povo do Conselheiro logrou construir uma alternativa de vida justa e solidária para as milhares de pessoas que afluíam para o povoado conselheirista.

Essa mesma lógica de desconstrução e organização pode ser observada na obra do Professor Pedro Lima Vasconcellos, a qual em grande parte aborda, justamente, os alicerces da comunidade conselheirista, mormente no que diz respeito aos aspectos ideológicos que fomentavam a organização do povoado. Nesse contexto, Vasconcellos se dedica como poucos ao arcabouço discursivo que fundamentou o agrupamento popular sertanejo, rejeitando, enfaticamente, as precipitadas interpretações que associam a cosmovisão conselheirista ao “fanatismo” e à “loucura”.

Desse modo, a obra de Vasconcellos procura desconstruir toda uma tradição interpretativa, calcada no argumento da inviabilidade de Canudos,

PEDRO VICTOR MOURA LIMA

Doutorando de Sociologia no Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Estadual do Ceará (PPGS-UECE) e professor da Rede Pública Estadual do Ceará.
E-mail: pedro.lima4@prof.ce.gov.br

ao mesmo tempo em que projeta o arraial sertanejo como uma comunidade viva, empenhada na construção da sobrevivência diária. É precisamente esse duplo movimento, de desconstrução e organização, que orienta o pensamento de Vasconcelos no livro *O leite, o cuscuz e o céu: o Belo Monte de Antônio Conselheiro e a falácia euclidiana*, publicado em 2023, pela Edufal, cujo título já evoca a centralidade do pendur crítico no conteúdo das quase cem páginas da obra. Nesse caso, o alvo central é o pensamento de Euclides da Cunha, que com o seu *Os sertões* lançou uma espécie de pedra angular sobre a qual se ergueu uma estrutura interpretativa duradoura acerca da obra conselheirista, a qual, ao longo do último século, tem reverberado uma posição ambígua em relação a Canudos, alternando a denúncia contra os crimes praticados pelo Exército com a marginalização das vítimas do massacre perpetrado nos sertões baianos.

Em Euclides da Cunha, escritor aclamado pela firmeza na defesa de suas convicções, faltou, quiçá, o referido exercício de desconstrução do *status quo* que tão bem se observa na trajetória de Antônio Conselheiro. Na sua ousada tentativa de elaborar uma interpretação para o Brasil, a partir dos eventos da campanha do Exército contra a gente do Conselheiro, Euclides da Cunha não procurou se desvencilhar da base intelectual elitista que, em grande parte, justificava as próprias ações da Igreja e dos militares em relação a Canudos. Na verdade, mais do que não atacar tais ideias, o autor de *Os sertões* realiza um grande esforço para encaixar a sua interpretação em um ideário importado do hemisfério norte, procurando, a partir do status conferido pela “ciência” europeia, validar o seu discurso.

O conciso livro de Vasconcelos aborda justamente um exemplo de como Euclides da Cunha procura ajustar a realidade por ele testemunhada nos sertões baianos em referenciais oriundos de autores europeus. Nesse caso, a concisão da obra revela também o seu caráter assertivo, posto que Vasconcelos aborda um argumento bastante específico da interpretação euclidiana, apontando uma procedência direta para o mesmo. Como o próprio Vasconcelos afiança, “são poucas as situações, como é o caso desta, em que se pode identificar com clareza a data de nascimento de um modelo

e tradições interpretativos, no caso, a invenção euclidiana de um Belo Monte milenarista..." (Vasconcellos, 2023, p. 52).

O livro de Vasconcellos aborda "a invenção euclidiana de um Belo Monte milenarista", traçando, além da origem, o considerável impacto e a ressonância dessa "invenção". Nesse contexto, o autor aponta as bases da criação de Euclides da Cunha, apresentando um panorama que se revela, paulatinamente, na medida em que Vasconcellos destaca os dados e as fontes que compõem o seu argumento. O estilo bastante didático do autor não apenas facilita a apreensão dos meandros da invenção euclidiana, como permite uma compreensão detida de conceitos por vezes utilizados irrefletidamente, como é o caso da ideia de milenarismo.

Ao situar a concepção de uma Canudos milenarista, no panorama geral da obra euclidiana, Vasconcellos identifica uma transformação na forma como o escritor fluminense descreve o arraial conselheirista. Nos primeiros escritos de Euclides da Cunha sobre Canudos, os quais foram publicados sob o título de *A nossa Vendaia*, em alusão a um movimento contrarrevolucionário ocorrido na França no século XVIII, ainda não se observa nenhuma referência a expectativas milenarista no seio da comunidade sertaneja. Nesses textos, em que o autor apresenta uma postura bem mais favorável ao Exército, já é possível observar algumas tendências que se conservarão em trabalhos posteriores de Euclides da Cunha, entre elas a associação da gente do Conselheiro a um fanatismo religioso intransigente, semelhante ao que predominara na Vendaia, movimento que serviu de parâmetro para Euclides da Cunha analisar a comunidade conselheirista nesses primeiros escritos.

Cabe ressaltar, mais uma vez, que as observações sobre a religiosidade sertaneja, presentes nesses primeiros escritos, não enfatizam uma perspectiva milenarista a compor o horizonte de crenças da comunidade conselheirista. Será em *Os sertões* que Euclides da Cunha inaugurar a tendência de caracterizar Canudos como uma comunidade milenarista, na qual a expectativa de uma eminente instauração de um paraíso terrestre ofuscaria as preocupações com a realidade cotidiana. A mudança é significativa, sobretudo porque suscita, da parte de Euclides da Cunha, uma nova interpretação para fontes que o autor já conhecia desde que

estivera no palco do massacre que vitimou a gente do Conselheiro, como é o caso dos versos de autoria anônima que prenunciam um fim próximo para a humanidade, a partir de expressões que ficaram consagradas na cultura brasileira: “então o certão virará praia e a praia virará certão[...]. Há de chover uma grande chuva de estrelas; cairá muitos meteoros na terra que daí será o fim do mundo” (Cunha, 1975, p. 74-75 apud Vasconcellos, 2023, p. 20-21)

A pena de Euclides da Cunha não consagrou apenas os versos sertanejos acima mencionados, mas todo um padrão de interpretação para os mesmos. Doravante, essas amostras da criatividade sertaneja estarão associadas ao conceito de milenarismo, o qual não encontra referência em outros autores que testemunharam o conflito sertanejo e que, mesmo no pensamento de Euclides da Cunha, terá uma trajetória bem particular, marcando um ponto de inflexão na compreensão que o escritor fluminense tinha do povoado conselheirista. O livro de Vasconcelos explora tanto a nova postura do autor, quanto as referências que fundamentaram o seu posicionamento, mas cabe adiantar que, por trás dessas mudanças, encontra-se uma prática já usual nos escritos de Euclides da Cunha, a saber, a inclusão, quase forçada, da realidade observada em um modelo teórico importado.

Com *Os sertões*, publicado em 1902, ou seja, cinco anos após o massacre que dizimou o arraial de Canudos, Euclides da Cunha procurava atender novas demandas da elite intelectual brasileira. As loas cantadas em favor da República em *A nossa Vendaia* já não cabiam. Como tampouco havia espaço para a associação entre os sertanejos de Canudos e os aldeões franceses da Vendaia, que se insurgiram em favor de uma restauração monárquica no país europeu. Passado os horrores da chacina que vitimou milhares de sertanejos, restava evidente para a opinião pública nacional tanto as dimensões do crime praticado no nordeste baiano, quanto a implausibilidade dos discursos que caracterizavam a comunidade liderada por Antônio Conselheiro como um ameaçador reduto monarquista. Em *Os sertões*, há, portanto, a resposta a uma demanda das elites brasileiras, que visavam uma espécie de espiação para as atrocidades cometidas em Canudos, a qual,

todavia, não compromettesse os fundamentos dos antagonismos sociais que permeavam a sociedade brasileira.

Destarte, era preciso alinhar a denúncia ao massacre cometido pelo Exército a um discurso que enfatizasse a inviabilidade da comunidade liderada pelo Conselheiro. É precisamente a essa exigência que o discurso milenarista busca atender, na medida em que confere ao arraial sertanejo, desde a sua concepção, a condição de inviável. Tal argumento, em grande medida, transfere a responsabilidade pelo fim do arraial às vítimas do massacre e, de forma mais incisiva, ao seu líder, Antônio Conselheiro, de quem os suscetíveis sertanejos teriam contraído a crença milenarista, que redundava em os afastar da realidade concreta, em vista da expectativa de um reino de mil anos de fartura e delícias. Nesse sentido, Vasconcellos aponta como esse padrão interpretativo irá impor ao Conselheiro a posição de bode expiatório, a quem caberia a propagação da insânia coletiva.

Euclides da Cunha, como aponta Vasconcellos, a partir de Hoornaert (1997), oferece Antônio Conselheiro como um sacrifício cívico no altar da pátria. Todavia, tal oblação não poderia ser feita sem as divisas que conferissem ao autor uma voz autorizada. Será no discurso científico onde o escritor fluminense procurará conferir sacralidade à sua obra, obedecendo, para isso, os ditames de teorias que, à época, se impunham às elites intelectuais brasileiras, a partir dos centros imperialistas. Nesse contexto, Vasconcellos procura apresentar o provável entusiasmo que tomara conta de Euclides da Cunha, ao deparar-se com as descrições dos movimentos heréticos do início da era cristã, presentes na obra do historiador francês Ernest Renan (1823-1892), e concluir que o movimento conselheirista, ocorrido quase dois mil anos depois do período abordado por Renan, poderia ser incluído no conjunto das seitas adeptas da crença milenarista, vislumbrando uma especial semelhança entre a comunidade sertaneja e o movimento liderado por um tal Montano da Frígia, no final do século II, o qual é diretamente citado em *Os sertões*.

A descrição das fontes e do *modus operandi* de Euclides da Cunha, presente no livro de Vasconcellos, permite ao leitor entrever o encaixe das peças da “invenção euclidiana”. O termo “invenção”,

diversas vezes utilizado por Vasconcellos, embora não seja muito usual no âmbito das Ciências Humanas, parece muito apropriado para se referir à explicação milenarista do arraial conselheirista, tanto por assinalar o pioneirismo de Euclides da Cunha, como por sugerir um tipo de produção intelectual que remete às grandes realizações técnicas, que, na virada do século XIX para o XX, exerciam um grande fascínio entre os entusiastas da ciência, que contemplavam a praticidade e a engenhosidade de invenções que pareciam comprovar os celebrados avanços científicos da época, tal foi o caso, por exemplo, da eletricidade e do telégrafo. Seguindo fórmula semelhante, Euclides da Cunha acreditou ter encontrado nos sertões baianos um grande laboratório no qual seria possível vislumbrar os pormenores de teorias científicas que dominavam o panorama intelectual do período, em especial o evolucionismo.

É a partir de uma compreensão evolucionista do desenvolvimento humano que Euclides da Cunha irá lobrigar na comunidade sertaneja do final do século XIX o ressurgimento de movimentos religiosos do início da era cristã. “Assim, é pela perspectiva evolucionista, que, aliás, marca todo o livro, que leitor e leitora são conduzidos até as origens do cristianismo” (Vasconcellos, 2023, p. 23). O livro de Vasconcelos não se estende na análise dessa fundamentação evolucionista da obra euclidiana. Em vez disso, Vasconcelos explora os pormenores do aspecto religioso da interpretação de Euclides da Cunha. São eles que, afinal, conferem forma ao delírio coletivo que, segundo o escritor fluminense, acometia a comunidade conselheirista. Assim, as manifestações exaltadas de fé, as estritas proibições e regras, ao mesmo tempo em que descreveriam o “exótico” cotidiano da comunidade, associam a mesma a um tempo passado, no qual tais condutas teriam sido “normais”, mas que hoje comprovariam “casos repugnantes de insânia” (Vasconcellos, 2023, p. 38).

No cerne da comparação, ou antes, da identificação de Canudos com o montanismo, encontra-se a ideia de milenarismo. Esta é mencionada diversas vezes por Euclides da Cunha em *Os Sertões*, sem que haja, em tais referências, o devido cuidado na elucidação do conceito, que aborda, na verdade, uma interpretação muito específica da escatologia cristã. Nesse sentido, o reino de mil

anos de justiça e felicidade, a ser instaurado na própria dimensão terrestre, conforme vaticinado pela crença milenarista, é por vezes confundido, por Euclides da Cunha e tantos outros autores que acataram a sua invenção, com a ideia de Juízo Final, a qual remete a um evento que marcaria, de uma vez por todas, o fim da existência terrestre.

Desse modo, em vez de constituírem um indício de milenarismo, os referidos versos anônimos, que profetizam a inundação do sertão, a seca dos mares e a queda das estrelas, dão mostras do que seria uma “cultura do fim do mundo”, a qual, segundo Vasconcellos, é frequentemente apontada dentro do panorama da religiosidade popular sertaneja, estando associada às adversidades enfrentadas pela população. No caso de Canudos, não se pode perder de vista o cotidiano de guerra imposto àquela população, que, afinal, não conhecera muitos anos de paz desde que se fixara às margens do Vaza Barris (isto, para não mencionar as perseguições anteriores à sedentarização da comunidade). Ainda assim, no tendencioso relatório produzido pela missão capuchinha, que, em 1895, visitara o arraial com o intuito de persuadir os conselheiristas a abandonarem a comunidade, não consta nenhuma referência a arroubos escatológicos por parte dos liderados por Antônio Conselheiro. Segundo Vasconcellos, o “cenário de guerra” determinado pelas invasões das forças de segurança à cidadela sertaneja será uma espécie de catalisador desses anseios apocalípticos no seio conselheirismo.

Euclides da Cunha, ao enfatizar as expectativas escatológicas de Canudos, não leva em conta esse contexto de violência experimentado pelos conselheiristas. Não obstante, o autor fluminense, ao mencionar, em *Os Sertões*, as profecias sertanejas encontradas nos escombros do arraial, não inclui todas as datas em que ocorreriam os catastróficos acontecimentos ali vaticinados, os quais constam, em sua totalidade, nas cadernetas de campo registradas pelo escritor. Em vez dessa perspectiva mais ampla, que contempla períodos bem anteriores à fundação da comunidade, o autor menciona, em seu *opus magnum*, apenas datas posteriores à 1896, ou seja, ao ano em que se iniciam os ataques contra Canudos. Vasconcellos aponta essas sutis

(mas significativas) incoerências, acerca das quais é possível conjecturarmos algumas consequências, que acabam por reforçar o ponto de vista da inviabilidade de Canudos.

Em primeiro lugar, a não inclusão de datas anteriores à fundação da comunidade entre os textos proféticos sertanejos resulta numa maior associação entre o arraial conselheirista e esses textos, cuja autoria, de fato, não se conhece, podendo os mesmos terem sido escritos por pessoas de fora de Canudos. Em segundo lugar, é preciso destacar que, embora Euclides da Cunha cite tais profecias e que estas, ao menos em uma das versões escritas pelo autor, apontem datas para eventos trágicos que coincidem com o período em que Canudos é invadida, em nenhum momento o escritor fluminense supõe que tais profecias possam resultar, justamente, da violência imposta à comunidade pelas forças estatais. Desconsiderando a influência do contexto de guerra sobre a elaboração dos textos proféticos sertanejos, a limitação dos eventos vaticinados em um período que coincide com as invasões ao arraial pode sugerir que a guerra já estava no horizonte de crenças dos conselheiristas, sendo algo para o qual a sua fé, supostamente tão ansiosamente por um fim, apontava de forma quase irremediável, figurando quase como um projeto, o qual, por fim, se realizou. A guerra surge, então, não como uma violência imposta ao arraial, mas como um elemento constitutivo do credo conselheirista, esperava-se um conflito que conduzisse o mundo ao seu término. Mais uma vez, tem-se a responsabilização do povo do Conselheiro pelo massacre que, na verdade, os vitimara.

De maneira bem diversa desse padrão mórbido de crença, a segunda parte do livro de Pedro Vasconcellos apresenta a religiosidade da comunidade conselheirista em profunda ligação com o cotidiano das pessoas que viviam no arraial sertanejo. Empenhados em construir uma alternativa de existência justa, em contraste com o modelo de exploração imposto pelos coronéis locais, os conselheiristas não enfatizavam uma visão apocalíptica da realidade, o que não quer dizer que o imaginário cristão não estivesse presente, de maneira bastante intensa, na comunidade. Em meio à partilha do trabalho e dos produtos deste, o que despontava, entre a gente do Conselheiro, era um ideário cristão

que enfatizava a vida e não a morte, pelo menos até o início dos sucessivos ataques contra o povoado sertanejo. Nesse contexto, os milagres e prodígios que emergiam da arraigada religiosidade conselheirista davam conta de uma terra de fartura e saciedade, que não era outra senão o próprio arraial de Canudos de um então alvissareiro tempo presente.

Os relatos que falam de Canudos como uma terra onde corre um rio de leite e que são de cuscuz de milho os barrancos que margeiam esse veio d'água dão testemunhos de uma comunidade voltada não para um ansioso tempo futuro, na esperança do qual a realidade concreta é esquecida, mas para um presente calcado em promissoras circunstâncias materiais. Ou seja, nada da comunidade que, rumando inerte para um esperado fim, revelava-se de todo inviável. Em vez da antessala do reino, local de absoluta espera, Canudos, ou melhor, o Belo Monte, conforme os conselheiristas denominavam a sua comunidade, era a própria Jerusalém descida dos céus.

Nesse contexto de construção da vida diária, o discurso religioso, longe de significar um elemento alienante, dava sentido àquela experiência, através de referências prenhe de significados para as populações que procuravam o arraial sertanejo. Assim, a narrativa bíblica que relata a libertação do povo hebreu da escravidão no Egito adquire destacada importância no repertório religioso da comunidade, sendo diversas vezes mencionada por depoentes que procuraram descrever a vida no Belo Monte e que valeram-se, para isso, de uma analogia entre a comunidade sertaneja e o povo liderado por Moisés, em uma associação, ao que tudo indica, bastante frequente entre os conselheiristas. Conforme aponta Vasconcellos, a referência à saga dos hebreus no Egito sugere a viabilidade de um projeto comunitário, que, em consonância com os preceitos religiosos, atende às necessidades de uma coletividade fustigada pela ganância dos poderosos e pela rigidez do ambiente. Destarte, a narrativa bíblica, no lugar de promover a inércia, instigava o povoado à resistência e à busca por libertação.

É da narrativa do livro do Êxodo de onde vem a inspiração para a descrição do povoado como a terra da promessa, onde corre um rio de leite, e são de cuscuz de milho os barrancos. Tal

caracterização, apresentada no relatório dos frades capuchinhos, em referência às impressões que os conselheiristas tinham acerca da sua própria comunidade, parece fazer alusão à terra que mana leite e mel que fora prometida aos hebreus pelo próprio Deus (Êxodo 3, 7-8). Mais do que uma simples cópia, há uma apropriação do texto bíblico, que, nas mãos dos conselheiristas, passa a apresentar elementos próprios do cotidiano daquela gente, como fica evidente, por exemplo, na menção ao cuscuz de milho, que, além do mais, vem acompanhado do leite, com o qual forma um prato bastante popular nos sertões nordestinos, o cuscuz com leite. A reprodução da narrativa bíblica, a partir de um léxico familiar aos sertanejos, revela a conformação de uma identidade comunitária que passa, sim, pela religiosidade, mas que abrange também uma valorização dos produtos da vida diária (Rodrigues; Lima, 2021).

Em vista da apropriação que os conselheiristas faziam do texto bíblico, cabe, uma vez mais, mencionar a sincronia que pode haver entre transformação e organização. No Belo Monte, as narrativas sacras eram constantemente transformadas, em virtude das circunstâncias vividas pela comunidade, sendo a palavra do Conselheiro uma espécie de síntese entre a tradição cristã e o contexto vivido. Os cadernos de prédicas de Antônio Conselheiro, encontrados entre os escombros da cidadela já arruinada pelas forças da República, dão testemunho de uma religiosidade lúcida, que, de maneira estratégica e criativa, adaptava a mensagem religiosa de forma a não contradizer o próprio sentido de existência do arraial. Um exemplo dessa adaptação é a supressão, nas prédicas conselheiristas, de trechos das cartas de Paulo, nos quais o apóstolo enfatiza a obediência aos poderes constituídos. Cabe destacar, contudo, que a inventividade da exegese do Conselheiro, não ia de encontro a uma perspectiva até ortodoxa da fé cristã, daí a sutileza de adaptações aparentemente ínfimas, mas que, em um contexto geral, faziam grande diferença. Este, talvez, seja o maior mérito do livro de Vasconcellos, captar, de maneira didática e objetiva, as nuances da religiosidade conselheirista e os impactos desta na trajetória do Belo Monte.

Antônio Conselheiro parecia ter em mente essa dinâmica relação entre o particular e o geral, entre a palavra e o contexto, entre

a vida e a eternidade. A “salvação dos homens” era, de maneira declarada, a razão de existir do arraial de Canudos. Todavia, tal objetivo dependia do que era feito na breve passagem humana pela Terra. É dessa forma que deve ser compreendida a visão escatológica da comunidade conselheirista. Longe de engendrar um quadro de desespero, a perspectiva de um fim chamava os conselheiristas à responsabilidade, na medida em que incentivava a construção de uma existência solidária, da qual dependia a conquista da tão almejada salvação. Desse modo, a palavra, transformada pelos sinuosos cursos da vida, também modificava estes, contribuindo para o constante movimento de transformação e organização através do qual a comunidade conselheirista trilhava, conforme acreditavam, a sua grande peregrinação rumo aos céus.

Em *Os sertões*, Euclides da Cunha, afeito aos grandes modelos teóricos, que perfazem quadros coerentes de causas e consequências, encaixou as peças da “invenção” de uma Canudos milenarista, de tal modo que as ações, crenças e palavras dos conselheiristas encontrem a sua correspondente explicação dentro de um panorama conceitual abrangente. Trata-se, portanto, de um modelo hermético, que, como lembra Vasconcellos, não dá margem para sutilezas. Pelo contrário, a interpretação euclidiana tende a marcação de profundas diferenças, frente às quais os detalhes pouco importam. O livro de Vasconcellos ao procurar desconstruir a invenção euclidiana, concede mobilidade às “peças” encaixadas por Euclides da Cunha, a começar pela própria palavra do Conselheiro. Esta, acompanhando os movimentos da vida diária do povoado, conferia versatilidade a uma tradição cristã imposta de cima para baixo, segundo os ditames da estrutura eclesiástica então vigente, mas que, na interpretação do Conselheiro, e sobretudo, diante das condições de vida da comunidade, adquiriam o estimado gosto do cuscuz com leite.

REFERÊNCIAS

Bíblia Sagrada. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2013.

CUNHA, Euclides da. **Caderneta de campo.** São Paulo: Cultrix; Instituto Nacional do Livro, 1975.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões.** São Paulo: Martin Claret, 2016.

RODRIGUES, Kadma Marques; LIMA, Pedro Víctor Moura. Barrancos de cuscuz de milho e um rio de leite: alimentação, identidade e patrimônio no sertão de Canudos. **Vivência:** Revista de Antropologia, [S. l.], v. 1, n. 57, 2021. Disponível em <<https://periodicos.ufrn.br/vivencia/article/view/27407/15161>>. Acesso em 13 jan. 2025.